



Para a próxima etapa, velhos e novos desafios

Como todos os anos, que marca o final e um recomeço de período, faz-se uma retrospectiva, o que aconteceu de mais importante, coisas mais ou menos, boas e ruins. Nesse momento, não é fácil colocar tudo numa balança, pensando num equilíbrio. Analisando somente nas questões socioambientais, como se fosse possível essa separação das outras coisas do mundo real, o retrocesso é palpável.

Em âmbito global, podemos lembrar que, assim como nos anos anteriores, chegamos ao recorde de emissões de gases de efeito estufa (gás carbônico e metano) e consequentemente, aumento global de temperatura. Nos últimos cinco anos, a manchete é sempre essa! Conferências das partes (COPs), compromissos publicizados e não efetivados.

Na esfera nacional, os maiores índices de desmatamento; o nosso "rio da integração nacional", o São Francisco, a beira da morte; depois de dois anos do desastre de Mariana, NADA aconteceu com os responsáveis que estão livres, leves e soltos e, as vítimas, abandonadas pelo poder público... por aí vai.

No nosso estado, o das "fa-

çanhas modelo" para toda a terra, o abandono das nossas fundações e institutos de pesquisa, refletem a certeza de que isso tudo é um projeto de médio e longo prazo, cuja opção é o capital, que gera doenças, pobreza, morte de pessoas e da natureza.

Por aqui, na colmeia, estamos a reboque, ainda discutindo, depois de 10 anos, as questões do saneamento básico, especialmente do lixo nosso de cada dia. São 50 toneladas por dia, a um custo de quase R\$ 7 milhões anuais para, enterrar em outro município! Recurso público, literalmente enterrado no lixo! Não existe um plano que inclua pessoas, a cidade e o ambiente! Há por enquanto, uma tentativa de "varrer a sujeira para baixo do tapete", desconversar, desviar a atenção e colocar a papelada oficial dentro de uma gaveta para cumprir um protocolo e resolver nada!

Então, parece que a balança é totalmente desequilibrada e esquizofrênica! Muitos retrocessos ou paralisias em relação ao bem comum e a coletividade.

Nesta época de reflexões e possibilidades de recomeços, será que temos o direito de ser pessimistas? Nessa altura, não temos outra alternativa, precisamos reagir!

Uma imagem que reflete um

pouco dessa realidade desconcertante, é a do sol. No início e no fim de cada dia, enxergamos tons avermelhados, menos agressivos à observação, ao contrário do meio dia, um brilho contundente que machuca. Para a surpresa da maioria de nós, em qualquer horário, o interior do sol é completamente escuro, como carvão! Uma contradição e um alento pensar que, da escuridão, é possível gerar e perceber a luz, com várias possibilidades de cores e intensidades.

Nos últimos anos, atuando em diversos espaços no município de Ijuí e na região, a AIPAN, juntamente com as instituições parceiras, no Fórum da Agenda 21 e demais espaços, vivenciamos a cada dia, diferentes desafios! Perceber, questionar, propor e agir tem sido a nossa marca de resistência e resiliência.

Para a próxima etapa, como todos, temos várias vontades e promessas em mente. Sabemos que os desafios e intempéries são imensos, mas já mostramos que é possível de forma organizada, coletiva, pacífica e feliz, cultivar e compartilhar experiências de bem viver em nossa comunidade.